

· Introdução ·

Há mais de uma forma de contar a história da modernidade (ou qualquer espécie de história). Este livro é uma delas.

Falando sobre Aglaura, uma das cidades bizarras, mas estranhamente familiares, relacionadas em *A cidade invisível*, de Ítalo Calvino, Marco Pólo afirmou que com dificuldade poderia ir “além das coisas que seus habitantes sempre repetiram”, mesmo que suas histórias destoassem daquilo que ele próprio julgava estar vendo. “Você gostaria de dizer o que ela é, mas tudo que já se disse sobre Aglaura tem o efeito de aprisionar suas palavras e obrigá-lo a repetir, em vez de dizer.” E assim, abrigados em segurança pelas muralhas da cidade, feitas de histórias sempre repetidas, da mesma forma que os baluartes de algumas cidades são feitos de pedra, os aglaurianos “vivem numa Aglaura que cresce apenas com o nome Aglaura, sem notarem a Aglaura que cresce sobre o solo”. Como poderiam, na verdade, comportar-se de outro modo? Afinal, “a cidade de que falam tem a maior parte daquilo de que se necessita para existir, enquanto a cidade que existe em seu lugar existe menos”.¹

Se lhes perguntassem, os habitantes de Leônia – outra das cidades invisíveis de Ítalo Calvino – diriam que sua paixão é “desfrutar coisas novas e diferentes”. De fato. A cada manhã eles “vestem roupas novas em folha, tiram latas fechadas do mais recente modelo de geladeira, ouvindo *jingles* recém-lançados na es-

tação de rádio mais quente do momento”. Mas a cada manhã “as sobras da Leônia de ontem aguardam pelo caminhão de lixo”, e um estranho como Marco Pólo olhando, por assim dizer, pelas frestas das paredes da história de Leônia, ficaria imaginando se a verdadeira paixão dos leonianos na verdade não seria “o prazer de expelir, descartar, limpar-se de uma impureza recorrente”. Caso contrário, por que os varredores de rua seriam “recebidos como anjos”, mesmo que sua missão fosse “cercada de um silêncio respeitoso” (o que é compreensível – “ninguém quer voltar a pensar em coisas que já foram rejeitadas”)? Como os leonianos se superam na sua busca por novidades, “uma fortaleza de dejetos indestrutíveis cerca a cidade”, “dominando-a de todos os lados, como uma cadeia de montanhas”.

Poderíamos perguntar: será que os leonianos enxergam essas montanhas? Às vezes sim, em particular quando uma rara golfa-da de vento leva a seus lares novos em folha um odor que lembra um monte de lixo, e não os produtos plenamente frescos, reluzentes e perfumados expostos nas lojas de novidades. Quando isso acontece, é difícil para eles desviar os olhos – teriam de olhar, cheios de preocupação, medo e tremor, para as montanhas, e se horrorizar com essa visão. Eles abominariam a feiúra delas e as detestariam por macularem a paisagem – por serem fétidas, insossas, ofensivas e revoltantes, por abrigarem perigos conhecidos e outros, diferentes de tudo que conheceram antes, por serem depósitos de obstáculos visíveis e de outros nem mesmo imagináveis. Não gostariam dessa visão e prefeririam não continuar olhando por muito tempo. Odiariam os dejetos de seus devaneios de ontem tão apaixonadamente quanto amaram as roupas da moda e os brinquedos de último tipo. Gostariam que as montanhas se desvanecessem, sumissem – dinamitadas, esmagadas, pulverizadas ou dissolvidas. Iriam queixar-se da preguiça dos varredores de rua, da doçura dos capatazes e da complacência dos chefes.

Mais ainda que os próprios dejetos, os leonianos odiariam a idéia de sua indestrutibilidade. Ficariam horrorizados com a no-

tícia de que as montanhas de que desejam tão avidamente se desvencilhar mostram-se relutantes em se degradar, deteriorar e decompor por si mesmas, assim como resistem e são também imunes aos solventes. Desesperados, não aceitariam a simples verdade de que os odiosos montes de lixo só poderiam *não existir* se, antes de mais nada, não tivessem *sido feitos* (por eles mesmos, os leonianos!). Eles se recusariam a aceitar que (como diz a mensagem de Marco Pólo, que os leonianos não ouviriam), “à medida que a cidade se renova a cada dia, ela preserva totalmente a si mesma na sua única forma definitiva: o lixo de ontem empilhado sobre o lixo de anteontem e de todos os dias e anos e décadas”. Os leonianos não ouviriam a mensagem de Marco Pólo porque o que ela lhes diria (quer dizer, se quisessem ouvir) é que, em vez de preservarem o que afirmam amar e desejar, só conseguem tornar permanente o lixo. Só o inútil, o desorientador, repelente, venenoso e temível é resistente o bastante para permanecer ali enquanto o tempo passa.

Seguindo o exemplo dos aglaurianos, os leonianos vivem seu dia-a-dia, podemos dizer, numa Leônia que “cresce apenas com o nome Leônia”, alegremente inconscientes daquela outra Leônia que cresce sobre o solo. Pelo menos desviam ou fecham os olhos, fazendo o possível para não ver. Assim como no caso dos aglaurianos, a cidade de que falam “tem a maior parte daquilo de que se necessita para viver”. O que é mais importante, ela contém a história da paixão pela novidade que eles repetem a cada dia, de modo que essa paixão possa renascer e se reabastecer eternamente, e sua história possa continuar sendo contada, escutada, ouvida com avidez e aceita com fidelidade.

Só um estranho como Marco Pólo poderia perguntar: qual é, afinal, a fonte de subsistência dos leonianos? As coisas modernas e encantadoras, sedutoramente novas e misteriosas, desde que virgens e não experimentadas – ou, em vez disso, os montes de lixo sempre maiores? Como se poderia explicar, por exemplo, sua paixão pela moda? Na verdade, o que é a moda – substituir coisas menos adoráveis por outras mais bonitas, ou a alegria que se sen-

te quando as coisas são jogadas num monte de lixo depois de serem despidas do glamour e do fascínio? As coisas são descartadas por sua feiúra, ou são feias por terem sido destinadas ao lixo?

Questões complicadas, afinal. Respondê-las também é. As respostas dependeriam de histórias que ecoam entre as muralhas erguidas a partir das memórias das histórias contadas, repetidas, ouvidas, ingeridas e absorvidas.

Se essas perguntas fossem feitas a um leoniano, a resposta seria que cada vez mais coisas novas devem ser produzidas para substituir outras, menos atraentes, ou que perderam a utilidade. Mas se você perguntasse a Marco Pólo, viajante estrangeiro, cético, forasteiro não-envolvido, recém-chegado, perplexo, ele responderia que em Leônia as coisas são declaradas inúteis e prontamente descartadas porque outros objetos de desejo, novos e aperfeiçoados, acenam, e que elas estão fadadas a serem jogadas fora a fim de que se abra espaço para as coisas mais novas. Ele responderia que, em Leônia, é a novidade de hoje que torna a de ontem obsoleta, destinada ao monte de lixo. As duas respostas soam verdadeiras, ambas parecem transmitir a história da vida dos leonianos. De modo que, no final, a escolha depende de se a história é repetida com monotonia ou, ao contrário, se os pensamentos vagam soltos no espaço livre de histórias...

Ivan Klima se recorda do jantar que teve com o presidente da Ford na residência deste, em Detroit. O convidado perguntou ao anfitrião, que se gabava do número crescente de carros modernos e velozes que saíam da linha de montagem da Ford, “como ele dava fim a todos aqueles carros quando eles deixavam de ter utilidade”. “Respondeu que isso não era problema. Qualquer coisa que fosse fabricada poderia desaparecer sem deixar vestígio, era apenas um problema técnico. E a imagem de um mundo totalmente limpo e vazio o fez sorrir.”

Depois do jantar, Klima foi ver como o “problema técnico” era enfrentado. Os carros usados, assim como os declarados gastos e não mais desejados, eram comprimidos por prensas gigantes até se transformarem em elegantes caixas metálicas. “Mas

essas caixas metálicas não se desvaneciam... Eles provavelmente derretiam o metal esmagado para produzir ferro e aço novo para novos carros, e assim o lixo se transforma em lixo novo, apenas em quantidade ligeiramente maior.”

Tendo ouvido essa história e visto o que ela supostamente contava, Klima reflete: “Não, não se trata apenas de um problema técnico. Pois o espírito das coisas mortas se ergue sobre a terra e sobre as águas, e seu hálito é o presságio do mal.”²

Este livro é dedicado a esse “problema não apenas técnico”. Tenta explicar o que mais ele é, além de técnico, e por que, antes de mais nada, é um problema.

Nosso planeta está cheio.

Essa afirmação, permitam-me esclarecer, não vem da geografia física ou mesmo humana. Em termos de espaço físico e da amplitude da coabitação humana, o planeta está longe de estar cheio. Pelo contrário, o tamanho total das terras desabitadas ou esparsamente habitadas, consideradas inabitáveis ou incapazes de sustentar a vida humana parece estar se expandindo, e não se encolhendo. À medida que o progresso *tecnológico* oferece (a um custo crescente, sem dúvida) novos meios de sobrevivência em habitats antes considerados inadequados para o povoamento, ele também corrói a capacidade de muitos habitats de sustentar as populações que antes acomodavam e alimentavam. Enquanto isso, o progresso *econômico* faz com que modos de existência efetivos se tornem inviáveis e impraticáveis, aumentando desse modo o tamanho das terras desertas que jazem ociosas e abandonadas.

“O planeta está cheio” é uma afirmação *da sociologia e da ciência política*. Não se refere à situação da Terra, mas às formas e meios de subsistência de seus habitantes. Sinaliza o desaparecimento das “terras de ninguém”, territórios adequados a serem definidos e/ou tratados como desprovidos de habitações humanas tanto quanto de uma administração soberana – e assim abertos a (e clamando por) colonização e povoamento. Tais territó-

rios, agora amplamente inexistentes, desempenharam durante a maior parte da história moderna o papel crucial de depósitos de lixo para os dejetos humanos produzidos em volumes cada vez maiores nas partes do globo afetadas pelos processos da “modernização”.

A produção de “refugo humano”, ou, mais propriamente, de seres humanos refugados (os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar), é um produto inevitável da modernização, e um acompanhante inseparável da modernidade. É um inescapável efeito colateral da *construção da ordem* (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do *progresso econômico* (que não pode ocorrer sem degradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência).

Durante a maior parte da história moderna, contudo, partes imensas do planeta (“atrasadas”, “subdesenvolvidas”, quando avaliadas segundo as ambições do setor do planeta já moderno, quer dizer, obsessivamente modernizante) permaneceram total ou parcialmente inatingidas pelas pressões modernizadoras, escapando dessa forma de seu efeito “superpopulacional”. Confrontadas com os nichos modernizantes do globo, essas partes (“pré-modernas”, “subdesenvolvidas”) tendiam a ser vistas e tratadas como terras capazes de absorver os excessos populacionais dos “países desenvolvidos” – destinos naturais para a exportação de “pessoas redundantes” e aterros sanitários óbvios e prontos a serem utilizados para o despejo do refugo humano da modernização. A remoção desse refugo produzido nas partes “modernizadas” e em “modernização” do globo foi o mais profundo significado da colonização e das conquistas imperialistas – ambas tornadas possíveis, e de fato inevitáveis, pelo poder diferencial continuamente reproduzido pela completa desigualdade de “desenvolvimento” (de maneira eufemística, chamada de “atraso cultural”), resultante, por sua vez, do confinamento do modo de

vida moderno a uma parte “privilegiada” do planeta. Essa desigualdade permitiu à parte moderna do globo buscar – e encontrar – soluções *globais* para problemas de superpopulação produzidos *localmente*.

A situação pôde durar enquanto a modernidade (ou seja, a *modernização* perpétua, compulsiva, obsessiva e viciosa) permanecia um privilégio. Quando ela se tornou – tal como estava projetada e destinada a fazer – a condição universal da humanidade, chegaram os efeitos de seu domínio planetário. A modernização progrediu de modo triunfante, alcançando as partes mais remotas do planeta; a quase totalidade da produção e do consumo humanos se tornaram mediados pelo dinheiro e pelo mercado; a mercantilização, a comercialização e a monetarização dos modos de subsistência dos seres humanos penetraram os recantos mais longínquos do planeta; por isso, não se dispõe mais de soluções globais para problemas produzidos localmente, tampouco de escoadouros globais para excessos locais. Na verdade, é o contrário: todas as localidades (incluindo, de modo mais notável, aquelas com elevado grau de modernização) têm de suportar as consequências do triunfo global da modernidade. Agora se vêem em face da necessidade de procurar (em vão, ao que parece) soluções *locais* para problemas produzidos *globalmente*.

Para resumir uma longa história: a nova plenitude do planeta significa, essencialmente, *uma crise aguda da indústria de remoção do refugio humano*. Enquanto a produção de refugio humano prossegue inquebrantável e atinge novos ápices, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramentas para a reciclagem do lixo.

Como que para tornar ainda mais complexa e ameaçadora uma situação que já é preocupante, uma nova e poderosa fonte de “pessoas refugadas” veio se acrescentar às duas primeiras. A globalização se tornou a terceira – e atualmente a mais prolífica e menos controlada – “linha de produção” de refugio humano ou de pessoas refugadas. Também deu nova roupagem ao velho pro-

blema e encheu-o de um novo significado e de uma urgência sem precedentes.

A expansão global da forma de vida moderna liberou e pôs em movimento quantidades enormes e crescentes de seres humanos destituídos de formas e meios de sobrevivência – até então adequados, no sentido tanto biológico quanto social/cultural dessa noção. Para as pressões populacionais daí resultantes – as antigas e familiares pressões colonialistas, só que na direção inversa –, não há escoadouros prontamente disponíveis, seja para a “reciclagem” ou para a “remoção” segura. Daí os alarmes sobre a superpopulação do globo; daí também a nova centralidade dos problemas dos “imigrantes” e das “pessoas em busca de asilo” para a agenda política moderna, e o papel crescente que os vagos e difusos “temores relacionados à segurança” desempenham nas estratégias globais emergentes e na lógica das lutas pelo poder.

A natureza em essência elementar, desregulada e politicamente incontrolada dos processos de globalização resultou na fundação de novas condições do tipo “terra de fronteira” no “espaço de fluxos” planetário, para a qual se tem transferido grande parte da capacidade de poder que se alojava nos Estados soberanos modernos. O equilíbrio frágil, inapelavelmente precário, dos ambientes das terras de fronteiras baseia-se, como é sabido, na “vulnerabilidade mutuamente assegurada”. Daí os alarmes sobre a deterioração da segurança que amplificam os já amplos suprimimentos de “temores relacionados à segurança”, ao mesmo tempo que conduzem as preocupações do público e os escoadouros da ansiedade individual para longe das raízes econômicas e sociais do problema, na direção de preocupações com a segurança pessoal (corporal). Por seu turno, a florescente “indústria da segurança” se torna rapidamente um dos principais ramos da produção de refugio e fator fundamental no problema de sua remoção.

Esse é, em linhas bem gerais, o ambiente da vida contemporânea. Os “problemas do refugio (humano) e da remoção do lixo (humano)” pesam ainda mais fortemente sobre a moderna e consumista cultura da individualização. Eles saturam todos os setores

mais importantes da vida social, tendem a dominar estratégias de vida e a revestir as atividades mais importantes da existência, estimulando-as a gerar seu próprio refugio *sui generis*: relacionamentos humanos natimortos, inadequados, inválidos ou inviáveis, nascidos com a marca do descarte iminente.

Esses temas, e alguns de seus derivados, são os principais focos deste livro. A análise que se faz aqui é preliminar. Minha principal e talvez única preocupação é oferecer um ponto de vista alternativo a partir do qual se possam avaliar os aspectos da vida moderna que alguns acontecimentos recentes fizeram sair do esconderijo onde se ocultavam. Com eles expostos às luzes da ribalta, certas facetas do mundo contemporâneo podem ser mais bem apreciadas, e sua lógica, mais bem compreendida. Este livro deve ser lido como um convite a um outro olhar, um pouco diferente, sobre o mundo moderno, supostamente tão familiar, que todos compartilhamos e habitamos.